

Apagamento da vogal postônica medial em duas
variedades africanas do português
*Deletion of Medial Post-Stressed Vowel In Two African Varieties of
Portuguese*

Danielle Kely Gomes

*Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de
Janeiro, Brasil*

daniellekgomes@letras.ufrj.br

 <http://orcid.org/0000-0001-6335-1674>

Abstract: The deletion of medial post-stressed vowel, a process that leads to regularization of words with antepenultimate syllable stress word to penultimate syllable stress pattern, is an old phenomenon in Portuguese, with roots in Latin. The process is frequent in several varieties of Brazilian Portuguese (BP). However, few studies are dedicated to the description of the phenomenon in other varieties. In this paper, we propose a comparative analysis between two varieties of Portuguese marked by close coexistence with native languages: São Tomé Portuguese (STP) and Mozambique Portuguese (MP). Our proposal is to observe if, in STP and MP, the antepenultimate syllable stress words regularize to penultimate syllable stress pattern under the influence of the same constraints verified in BP, or if specific restrictions constrain STP and MP, as an effect of language contact between Portuguese and other languages that coexist with it in São Tomé and Mozambique, respectively.

Keywords: Antepenultimate stress; vowel deletion; Portuguese African varieties.

Resumo: O apagamento da vogal postônica medial, processo que leva à regularização de palavras proparoxítonas ao padrão acentual paroxítono, é um fenômeno antigo em Português, com raízes no latim. A redução de proparoxítonos é observado em diversas normas do Português Brasileiro (PB). Contudo, poucos são os estudos que se

dedicam à descrição do fenômeno em outras variedades do Português. Neste artigo, propõe-se uma análise em que se comparam dados de duas variedades do Português marcadas pela convivência estreita com línguas autóctones: o Português de São Tomé (PST) e o Português de Moçambique (PM). O objetivo é averiguar se, em ambas as variedades analisadas, as proparoxítonas seriam reduzidas ao padrão paroxítono sob a influência dos mesmos condicionamentos que atuam na implementação da regra de redução no PB, ou se haveria a atuação de restrições particulares no PST e no PM, como efeito do contato entre o Português e outras línguas que com ele coexistem nas comunidades investigadas.

Palavras-chave: Proparoxítonas; apagamento de vogais; variedades africanas do Português.

Introdução

Em português, a sílaba postônica medial é um contexto muito particular para a aplicação de regras fonológicas. Ao lado da regra de alçamento das vogais médias (sintet[e]se ~ sint[i]se; diál[o]go ~ diál[u]go), a regra de apagamento também é produtiva (fósf[o]ro ~ fosf[u]ro ~ fosfro, cócegas ~ cóc[i]gas ~ coska)¹, e regulariza itens proparoxítonos ao padrão acentual paroxítono. Processos que afetam o vocalismo postônico medial se fazem presentes desde o latim, e se conservam em português.

Neste trabalho, apresentam-se os resultados de uma análise comparativa entre duas variedades africanas do português – a são tomense (PST) e a moçambicana (PM) – no que se refere ao comportamento do vocalismo átono postônico medial, sobretudo ao processo de apagamento dessa vogal.

Para tanto, o artigo contém as seguintes seções: em (1), apresentam-se sínteses de trabalhos que focalizam o comportamento variável da postônica medial em Português; em (2), tecem-se considerações acerca da história sociolinguística das comunidades investigadas; em (3), arrolam-se as hipóteses e a metodologia adotada para o tratamento dos dados; em (4), discutem-se os resultados e, por fim, tecem-se as considerações finais sobre o comportamento variável das proparoxítonas nas variedades são tomense e moçambicana.

¹Araujo, Guimarães, Oliveira & Viaro (2008) mostraram que a regularização de itens lexicais proparoxítonos ao acento paroxítono, no Português Brasileiro, é condicionada pela natureza das consoantes adjacentes à vogal postônica medial. Gomes (2012) comprova esse comportamento em dados de fala do Rio de Janeiro. Contudo, no Português Europeu, a regra de apagamento se aplica tanto nos contextos que favorecem a formação de *onsets* complexos na sílaba átona final (fós[u]ro ~ fósfro), como nos contextos em que a redução é bloqueada no PB, já que uma regra generalizada de redução do vocalismo átono leva ao apagamento de vogais não acentuadas no PE em todas as pautas átonas.

1 O apagamento da postônica medial em Português: o que as descrições já mostraram

No âmbito do Português do Brasil (PB), um volume considerável de pesquisa registra a vitalidade e a persistência do fenômeno de apagamento da vogal postônica medial (cf., por exemplo, Caixeta 1989, Amaral 2000, Silva 2006, 2010, Fonseca 2007, Lima 2008, 2017, Ramos 2009, Chaves 2011, Gomes 2012). Os estudos, ainda que apresentem índices percentuais diferenciados de aplicação da regra para cada variedade analisada (cf. a título de ilustração, a tabela 1, apresentada em Brescancini (2014), com adaptações), revelam consistência na atuação dos condicionamentos linguísticos e sociais, sobretudo a influência de restrições como a natureza dos contextos antecedente e subsequente à vogal, o traço de articulação da vogal apagada, o número de sílabas do vocábulo proparoxítono e a escolaridade.

Tab. 1: Redução de proparoxítonas no PB: uma síntese dos estudos realizados (Brescancino 2014: 45).

Localidade	Autoria	Taxa de apagamento (%) e total de <i>tokens</i>
Jaru (RO)	França (2009)	50,25 (3200)
Pinheiros, Balsas, Alto Parnaíba, Brejo, Bacabal, Imperatriz, S.J. dos Patos, Tuntum, Turiaçu, São Luiz (MA)	Santana (2012)	27,3 (439)
Sapé (PB)	Silva (2010)	30 (3590)
Rio Verde e Santa Helena de Goiás (GO)	Lima (2008)	26,6 (1776)
Dourados (MS)	Bueno e Carvalho (20013)	22,61 (167)
Rio de Janeiro (RJ)	Gomes (2012)	13,95 (2988)
São José do Rio Preto (SP)	Ramos (2009)	8 (617)
Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul	Chaves (2011)	8 (2387)
São José do Norte (RS)	Amaral (1999)	23 (1772)

Com relação à descrição da redução de proparoxítonos no Português Europeu (PE), os estudos são mais escassos (cf. os trabalhos de Fernandes 2007, Gomes 2012, 2015), e indicam ser a regularização de proparoxítonos a paroxítonos condicionada por questões associadas à configuração do sistema vocálico da variedade europeia. A variedade europeia promove, de forma generalizada por todo o vocalismo átono, a atuação mais consistente de regras de apagamento.

Já no que se refere às variedades africanas, as descrições têm mostrado a vitalidade da regra de apagamento e a interação consistente entre variáveis

fonológicas e sociais. Gomes (2017), em um estudo contrastivo entre a variedade brasileira, a europeia (com dados do *Corporaport*²) e a são tomense (com dados da amostra *Varietades do Português*³ - VAPOR), demonstra que há diferenças quantitativas consideráveis entre as variedades: no Português de São Tomé (PST), os índices de apagamento são elevados (34,7%, contra 10,8% para o PE e 2,6% para o PB), ainda que as variáveis estruturais para a implementação do apagamento atuem de forma semelhante nos três subconjuntos de dados analisados.

Do ponto de vista das restrições linguísticas, as três variedades se mostram sensíveis quanto à atuação dos contextos precedente e subsequente à vogal postônica medial: a possibilidade de ressilabificação das consoantes adjacentes à vogal – seja em direção à coda da sílaba tônica (cócegas > cosca), seja em direção ao ataque da sílaba átona final (fósforo > fosfro) – é a restrição mais relevante, do ponto de vista estatístico, para a implementação da regra no PB, no PE e no PST, embora as diferenças quantitativas sejam salientes.

Gomes (2018), em uma descrição cujo foco é a análise do comportamento variável do vocalismo postônico medial no PST, demonstra que - nos dados analisados - há uma correlação entre os índices de apagamento da postônica medial e a frequência de uso do Forro (ou santome, ISO-CODE 639-3 CRI)⁴: os indivíduos que afirmam usar eventualmente o crioulo tendem a apresentar índices mais elevados de apagamento de vogais, em conformidade a uma tendência do Forro em eliminar segmentos átonos em itens lexicais originários do Português, de forma a regularizar as palavras de origem portuguesa ao padrão dissilábico (Ferraz 1979: 47).

Para verificar se esse mesmo comportamento se mantém em outras variedades africanas do português igualmente marcadas por contatos linguísticos massivos e consistentes, propõe-se, neste trabalho, uma comparação entre os resultados verificados para doze informantes da primeira e segunda faixas etárias de São Tomé

² *Corpora* de variedades do Português em análise, banco de dados disponível em <http://corporaport.letras.ufrj.br> e vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da UFRJ.

³ *Corpus* organizado por Tjerk Hagemeijer e recolhido no ano 2009, na cidade de São Tomé. O projeto está sediado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.

⁴ A variável *frequência de uso do Forro* foi proposta, originalmente, em Brandão (2011). Com base no depoimento dos informantes, a autora identificou três níveis de frequência: (a) zero/baixa, em que indivíduos que se expressam fundamentalmente em Português; (b) média, em que os indivíduos se expressam em Português, mas dominam o Forro e dele se utilizam eventualmente; e (c) alta, em que os informantes, mesmo sendo falantes de Português como L1, se expressam regularmente em Forro. Essa variável se mostra relevante em todas as análises de fenômenos variáveis que se valem do mesmo recorte do *corpus* VAPOR usado neste trabalho. Em Brandão (2018), há uma reunião de descrições, no âmbito fonético-fonológico e morfossintático, que mostram a importância do controle da frequência de uso do Forro, ainda que essa informação sobre o desempenho linguístico seja determinada a partir da autodeclaração dos entrevistados.

e com doze informantes de Moçambique com o mesmo perfil. O *corpus* relativo ao Português de Moçambique (PM) também pertence ao banco de dados *Corporaport*⁵. Os motivos que levam à comparação entre São Tomé e Moçambique e a caracterização dos *corpora* serão apresentados a seguir.

2 Aspectos histórico-linguísticos das comunidades investigadas

A descrição de fenômenos variáveis em realidades linguísticas tão particulares quanto a são tomense e a moçambicana não pode prescindir de uma reflexão sobre os aspectos históricos de formação das comunidades, assim como também precisa focar de que forma a língua da colonização se fixou e se consolidou nas antigas colônias. O Português é língua oficial tanto de São Tomé quanto de Moçambique. Contudo, a relação entre a língua do colonizador e as línguas locais se configura como um marco de fundamental importância para a interpretação de como variáveis sociolinguísticas se distribuem nessas áreas,

Quanto à história de formação de São Tomé, Gonçalves e Hagemeyer (2015) destacam que o processo de colonização da ilha pode ser dividido em dois ciclos. O primeiro, que vai do início da ocupação efetiva das ilhas (1493) até os fins do século XVI, é marcado pelo plantio da cana de açúcar. O segundo, a partir da segunda metade do século XIX, é caracterizado pelas culturas de café e cacau.

Do ponto de vista linguístico, no primeiro ciclo surge um *pidgin* que assegura a comunicação mínima entre os portugueses e os africanos que habitavam a ilha. Foi a partir da nativização desse *pidgin* que se originou um crioulo de base lexical portuguesa, a língua da comunidade de escravizados. De acordo com os autores (2015: 88), o Forro – crioulo majoritário de São Tomé e Príncipe – é a continuação no tempo dessa protolíngua⁶.

A cultura açucareira de São Tomé e Príncipe entra em declínio nos fins do século XVI, com a inserção no cenário internacional do açúcar produzido no nordeste do Brasil. São Tomé deixa de ser uma colônia de produção açucareira e se torna um entreposto do comércio de escravizados.

Gonçalves e Hagemeyer (*op. cit.*: 89) indicam que o segundo ciclo de colonização, cujo marco é a segunda metade do século XIX, coincide com a abolição da escravatura na ilha (1869) e com a abolição formal da condição jurídica dos libertos (1875). Os

⁵Os inquéritos foram recolhidos por Sílvia Rodrigues Vieira e Karen Cristina da Sílvia Pissurno em setembro de 2016 na cidade de Maputo.

⁶Essa afirmação, contudo, é controversa. Bandeira (2017: 419) demonstra – na comparação entre os quatro crioulos do Arquipélago de São Tomé e Príncipe – que o protocrioulo do Golfo da Guiné não é originário do Português.

dois processos levam a uma crise de mão de obra, e a administração colonial passa a adotar o regime de contrato, com a contratação de trabalhadores oriundos de outras colônias portuguesas em África (Angola, Cabo Verde e Moçambique).

Do ponto de vista da caracterização linguística do segundo ciclo de colonização, o período é marcado pela consolidação do Português como L1 dominante, se sobrepondo às línguas crioulas, que possuíam hegemonia absoluta até o século XIX. Gonçalves e Hagemeyer (*op.cit.*: 88) afirmam que, até o século XVIII, o Forro é a língua materna de grande parte da população nativa de São Tomé, estando o português em um espaço limitado, como L2. A partir da chegada do grande contingente de contratados na segunda metade do século XIX, o multilinguismo se acentua, mas o contingente populacional que chegou à ilha para o trabalho nas culturas de café e cacau adotou o Português, e não o Forro, como L2.

Durante a colonização, o português era de acesso muito limitado para os são-tomenses. A partir do Estado Novo em Portugal (1933-1974), a política linguística imposta à colônia foi pautada em uma forte repressão às línguas crioulas, consideradas como ameaça para os interesses do regime. Com o propósito de maior integração à estrutura colonial, a elite urbana são-tomense usava fundamentalmente o português, ainda que se tenham relatos de que os membros dessa elite fossem bilíngues. Contudo, o momento decisivo para a nativização do português é a independência (1975), com sua escolha como língua oficial exclusiva do arquipélago, o que leva à massiva escolarização em português.

Gonçalves e Hagemeyer (*op.cit.*: 91) sintetizam a situação multilinguística atual de São Tomé e Príncipe nos seguintes termos:

De língua da elite e dos domínios altos, o português passou a ser a língua de todos os domínios comunicativos, altos e baixos, da maioria dos são-tomenses. A atual hegemonia do português nas ilhas é também promovida pela ausência de uma política pró-crioula sustentada. A questão da valorização das línguas nacionais veio muitas vezes à tona, mas não produziu estratégias concretas e duradouras para o futuro. Desta forma, a estigmatização dos crioulos, herdada do tempo colonial, não foi devidamente ultrapassada, impedindo, em definitivo, à criação de uma identidade crioula ligada às línguas crioulas. Por todas essas razões, São Tomé e Príncipe é hoje a ex-colônia portuguesa onde se registra o maior número de falantes nativos do português, o que significa também que todos os crioulos autóctones de São Tomé e Príncipe estão ameaçados.

A situação linguística de Moçambique está configurada de forma bastante distinta da de São Tomé (Gonçalves 2010, 2013, Chimbutane 2018). Moçambique entra no cenário colonial português em 1497, com a chegada de Vasco da Gama ao território. Enquanto colônia, Moçambique não despertava, nos séculos XVI e XVII, o interesse do Império Português, tanto que a administração colonial era feita a partir da Índia até meados do século XVIII. Uma presença mais efetiva da máquina do império se registra a partir de 1918, com o fim das campanhas militares para a ocupação efetiva do território. Só a partir de então começam a surgir medidas para a implementação de um sistema de educação.

A partir desse momento, se devolvem as bases para a difusão do Português no território moçambicano. A construção de uma política efetiva de assimilação cultural por parte do governo português se estabelece a partir de 1930, com a introdução do Português como língua para instrução escolar. Com a independência, em 1975, o Português é adotado como língua oficial.

Contudo, a adoção do Português como língua oficial se enquadra em um espectro mais amplo da situação multilinguística de Moçambique. Dados do Censo (2007) e de diversos estudos sobre a realidade linguística moçambicana revelam que o Português coexiste com um conjunto muito variado de línguas autóctones, todas pertencentes à família de línguas *Bantu*. De acordo com Pissurno (2018, 82-83),

Esses idiomas, [...], são, para muitos habitantes das áreas rurais de Moçambique, especialmente aqueles acima dos 50 anos de idade, suas línguas maternas. [...] Sendo assim, o idioma tido como oficial apresenta um *status* de língua estrangeira (LE) para esses indivíduos, ou seja, uma língua utilizada em situações bastante artificiais, especialmente instrucionais, já que a língua alvo só é aprendida em contextos de educação formal, enquanto em casa os indivíduos utilizam suas línguas maternas para comunicação diária. Por outro lado, nas áreas urbanas, a situação é similar à do uso de uma segunda língua (L2), ou seja, a exposição à língua alvo não se faz apenas em contexto escolar, mas é exigida em praticamente todos os ambientes nos quais os indivíduos estabelecem comunicação, já que, mesmo que dentro de casa eles falem sua língua materna, fora dela é necessário comunicar-se exclusivamente em outra língua, que não sua L1.

Os dados demográficos e descritivos permitem afirmar que a população moçambicana é, em sua maioria, no mínimo bilíngue. A diversidade linguística que caracteriza o território é fruto da política colonial adotada para a região desde a chegada dos portugueses, que trataram Moçambique como uma área de menor interesse em termos de exploração, e se acentuou com as ações adotadas a partir do início do século XX, com a política de implementação do Português como língua do império.

O Português de Moçambique, em virtude dos condicionamentos sócio-históricos que estão na base de sua formação, só começa a delinear traços “particulares” nos últimos 20 anos do século passado. Conforme destaca Chimbutane (2018:107),

(...) o Português de Moçambique é um *continuum* de variedades que estão correlacionadas a fatores sociolinguísticos como o uso do Português como primeira ou segunda língua, experiência com o contexto escolar, ocupação/profissão, a divisão entre rural/urbano e as línguas de “background” dos falantes. Contudo, a escassez de estudos sociolinguísticos que abordam essas variáveis, assim como o número limitado de variáveis gramaticais consideradas, não nos permitem fazer fortes generalizações sobre os fatores sociolinguísticos que condicionam a trajetória e a estabilidade desta variedade emergente.

Com o breve perfil sócio-histórico-linguístico das comunidades investigadas, fica evidente que há pontos de interseção e de separação entre o Português de São Tomé e Príncipe e o Português de Moçambique. Em comum às duas, a emergência de variedades do português em realidades multilíngues. Todavia, as diferenças no processo de exploração colonial levaram ao estabelecimento de políticas diferenciadas para a implementação do Português em cada território. Hagemeyer (2018: 8) assim resume as diferenças entre o PST e o PM:

trata-se de duas variedades com características sociolinguísticas distintas: [a variedade do Português de Moçambique] está em contacto com línguas aglutinantes do grupo banto e apresenta uma taxa de nativização crescente, embora ainda relativamente baixa; a [variedade do Português de São Tomé] constitui a L1 da maioria da população, mesmo que os censos nacionais não explicitem esta informação.

3 Objetivos e metodologia

O propósito deste trabalho é verificar se as variedades são tomense e moçambicana apresentariam um comportamento semelhante ao Português Brasileiro no que se refere aos índices variáveis de apagamento da postônica medial e à atuação das restrições que condicionam a aplicação da regra variável em foco.

Para a investigação, levantaram-se 908 dados em 24 inquéritos – doze relativos à São Tomé e doze relativos à Moçambique. Os indivíduos – doze homens e doze mulheres – estão distribuídos por duas faixas etárias (A-18 a 35 anos e B-36 a 55 anos) e por três níveis de escolaridade. Nos quadros 1 e 2, os informantes estão distribuídos de acordo com a frequência de uso do Forro (São Tomé) e com a aquisição do Português como L1 ou L2 (Moçambique).

A análise empreendida neste trabalho toma por base o suporte teórico metodológico da Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog 1968). Os 908 dados foram analisados com o auxílio do *software* GoldVarb-X. Postularam-se nove variáveis linguísticas – a natureza dos contextos antecedente e subsequente, os traços de articulação das vogais tônica, postônica medial e postônica final, a estrutura da sílaba tônica, a classe morfológica do vocábulo, o número de sílabas da palavra e a produtividade do item no léxico, e cinco variáveis sociais – sexo, escolaridade, uso do Forro (São Tomé), uso do português como língua primeira ou segunda (Moçambique) e línguas dominadas pelos informantes (Moçambique).

Escolaridade /Idade/Sexo	Nível 1 de Instrução		Nível 2 de Instrução		Nível 3 de Instrução	
	H	M	H	M	H	M
Faixa A	A1H - baixa	A1M - média	A2H - média	A2M - baixa	A3H - baixa	A3M - baixa
Faixa B	B1H - média	B1M - baixa	B2H - média	B2M - média	B3H - baixa	B3M - média

Quadro 1: São Tomé: categorização dos informantes de acordo com a frequência de uso de um crioulo.

Escolaridade /Idade/Sexo	Nível 1 de Instrução		Nível 2 de Instrução		Nível 3 de Instrução	
	H	M	H	M	H	M
Faixa A	A1H - L2	A1M - L1	A2H - L1	A2M - L2	A3H - L1	A3M - L1
Faixa B	B1H - L2	B1M - L2	B2H - L1	B2M - L1	B3H - L1	B3M - L1

Quadro 2: Moçambique: categorização dos informantes acordo com a aquisição do Português (L1 ou L2).

4 Resultados

4.1 Primeira análise: todos os dados em conjunto

Os índices gerais e aplicação da regra de apagamento da vogal postônica medial, em função de cada variedade analisada, estão expostos na tabela 2.

Tab. 2: Índices gerais de apagamento da vogal postônica medial em cada variedade analisada.

Variedade	apl/t	exemplo
PST	165/467 = 35.3%	século - [ˈsɛklɔ]
PM	143/441 = 32.4%	árvores - [ˈarvɾɨʃ]

A tabela 2 nos permite perceber que não há diferenças consideráveis entre as variedades analisadas no que se refere à frequência bruta de aplicação da regra de apagamento da vogal postônica medial. Em ambas, os índices são superiores a 30%, havendo uma diferença de 3% entre a frequência de apagamento dos dados do PST sobre os dados do PM.

Na tabela 3, apresentam-se os condicionamentos apontados como estatisticamente relevantes para a aplicação da regra em cada variedade. Para a descrição dos resultados, em um primeiro momento serão descritas as variáveis selecionadas para cada conjunto de dados em sua totalidade, isto é, considerando - em uma mesma rodada - os falantes de que se comunicam essencialmente em Português e os falantes com graus variados de bilinguismo. Em um momento posterior, esses dados serão separados, com o propósito de verificar se para cada grupo há diferenças quantitativas e qualitativas salientes.

Tab. 3: Condicionamentos estatisticamente relevantes para o apagamento da postônica medial no Português de São Tomé (PST) e no Português de Moçambique (PM).

PST		PM	
Consoante precedente <i>Escolaridade</i> <i>Traço de articulação da</i> <i>postônica medial</i>		Traço de articulação da postônica medial Faixa Etária Consoante precedente Número de sílabas do vocábulo Línguas dominadas pelos informantes Consoante subsequente <i>Escolaridade</i>	
		Input	Input
	inicial: .353		inicial: .324
	inicial: .318		inicial: .304
Significância	.018	Significância	.010

Na tabela 4, apresentam-se os índices percentuais e os pesos relativos para as variáveis selecionadas nos dados relativos à São Tomé.

Os resultados expressos na tabela 4 nos permitem perceber que a presença de uma consoante obstruente no ataque da sílaba medial é o contexto fonológico precedente com maior probabilidade de favorecimento para o apagamento da postônica medial (.649). Consoantes nasais e líquidas tendem a desfavorecer o apagamento do segmento vocálico átono.

De certa forma, a presença de consoantes obstruente no *onset* da sílaba postônica medial é o condicionamento que, desde o latim, favorece o apagamento de segmentos vocálicos internos de proparoxítonos, desde que seja satisfeita a condição de que no

⁷Os resultados discutidos neste artigo envolvem apenas os dados dos indivíduos que se identificam como falantes de baixa e de média frequência de uso do Forro. O indivíduo que se identifica como falante frequente do Forro pertence à faixa etária mais alta (com mais de 56 anos), que não foi analisada no conjunto de dados aqui descrito.

Tab. 4: Variáveis selecionadas – PST.

Consoante precedente			
Modo de articulação	Exemplo	Apl/t	PR
Obstruintes	época – [ˈɛpkɐ]	140/278 = 50.4	.649
Nasais	nômade – [ˈnõmd]	11/78 = 14.1%	.260
Líquidas	católica – [kaˈtoikɐ]	10/71 = 14.1%	.221
Escolaridade			
		Apl/t	PR
Até 05 anos de escolarização		11/75 = 14.7%	.229
Mais de cinco anos de escolarização		154/392 = 39.3%	.558
Frequência de uso do Forro⁷			
		Apl/t	PR
Baixa		109/323 = 33.7%	.457
Média		56/144 = 38.9%	.596
Traço de articulação da postônica medial			
Articulação	Exemplo	Apl/t	PR
Dorsal	chácara – [ˈʃakɾɐ]	10/77 = 13%	.323
Coronal	Príncipe – [ˈprĩsp]	147/364 = 40.4%	.540
Labial	apóstolo – [aˈpõʃtlõ]	8/26 = 30.8%	.490

ataque da sílaba átona final se encontre uma consoante líquida, o que promove a formação de um *cluster* complexo obstruinte + líquida no ataque da sílaba final.

Com relação às variáveis sociais selecionadas, a análise estatística revelou que os indivíduos com mais de 05 anos de escolarização (.558 para os mais escolarizados contra .229 para os falantes com até 05 anos de escolarização) e os que se reconhecem como falantes eventuais de um crioulo (.596) são os que mais promovem o apagamento da vogal átona medial.

O resultado para a variável anos de escolarização não atende às expectativas, pois era de se esperar que os informantes minimamente escolarizados tendessem a apresentar as taxas mais altas de apagamento. Poucas são as palavras proparoxítonas adquiridas naturalmente, sendo esse padrão acentual efetivamente reconhecido à medida que se adentra no universo da cultura letrada⁸. Contudo, os resultados aqui obtidos contrariam a hipótese inicialmente postulada para essa variável.

⁸Araújo *et al.* (2007: 37-38) realizaram um levantamento da produtividade dos padrões acentuais, com base no levantamento de todos os verbetes do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Os autores chegaram a um total de 150.875 palavras, das quais 18.413 são proparoxítonas, o que equivale a somente 12% do total.

No que tange à frequência de uso do Forro, todavia, os resultados confirmam as expectativas para a variável: quanto mais contato o falante possui com línguas locais, maiores são os índices percentuais (38,9%) e os índices probabilísticos (peso relativo de .596) para o apagamento da vogal medial. Os resultados tendem a coadunar com a tendência apresentada por Ferraz (1979: 47) sobre o comportamento do Forro diante de segmentos átonos: no crioulo, palavras portuguesas polissilábicas tendem a sofrer redução, via apagamento de segmentos átonos, para que se conformem ao padrão dissilábico⁹.

Sobre o traço de articulação da vogal postônica medial, a análise estatística de todos os dados em conjunto para o PST revela que as vogais com o traço de articulação coronal (/e/ e /i/) são as mais suscetíveis ao apagamento (peso relativo de .540), estando a dorsal e as labiais menos sujeitas, nesse conjunto de dados, ao processo de apagamento. Contudo, como os valores para os pesos relativos das variantes labial e coronal estão muito próximos ao ponto neutro, e a variável traço de articulação da vogal postônica medial foi a última apontada como relevante na análise global dos dados do PST, pode-se aventar que esse condicionamento, na verdade, tem menor poder explicativo em relação às demais variáveis apontadas pela análise como relevantes para a ocorrência do apagamento.

Na tabela 5, indicam-se os índices percentuais e os pesos relativos para as variáveis selecionadas nos dados relativos à Moçambique. Percebem-se, nos dados moçambicanos, uma interação maior entre os condicionamentos linguísticos e sociais.

Diferentemente do observado para os dados do PST, nos dados moçambicanos nota-se uma atuação mais consistente da variável “traço de articulação da vogal postônica medial”: no PM, há uma grande preferência pelo apagamento das vogais com o traço labial (/o/ e /u/). Os valores de peso relativo para essa variante, .753, revelam a tendência para o apagamento das vogais posteriores. As vogais com o traço coronal apresentam índices muito próximos ao ponto neutro (.519), enquanto as dorsais mantêm-se como contexto de resistência para aplicação da regra de apagamento da postônica medial.

Com relação à variável *faixa etária*, percebe-se que o processo de apagamento da postônica medial é preferencialmente favorecido na fala dos indivíduos mais jovens (.619), enquanto os adultos tendem resistir a produzir formas com o apagamento da vogal medial. Nos estudos realizados sobre o processo em outras variedades do Português, (Cf., por exemplo, Gomes 2012), nota-se que a atuação da variável *faixa etária* está correlacionada ao *continuum* rural-urbano: em amostras recolhidas em

⁹De acordo com o autor, “because of Bantu-derived tendency to a CVCV structure, Portuguese words of more than two syllables are often reduced to a disyllabic form. “

Tab. 5: Variáveis selecionadas – PM.

Traço de articulação da postônica medial			
Articulação	Exemplo	Apl/t	PR
Dorsal	xícara – [ˈʃikɾɐ]	10/59 = 16.9%	.222
Coronal	rápido – [ˈrapd]	99/240 = 29.2%	.519
Labial	círculo – [ˈsirkʎu]	34/43 = 79.1%	.753
Faixa Etária			
		Apl/t	PR
	18 a 35 anos	106/276 = 38.4%	.619
	36 a 55 anos	37/224 = 22.4%	.308
Consoante Precedente			
Modo de articulação	Exemplo	Apl/t	PR
Obstruintes	época – [ˈɛpkɐ]	112/267 = 41.9%	.580
Nasais	nômade – [ˈnõmd]	12/70 = 17.1%	.294
Líquidas	católica – [kaˈtɔikɐ]	10/36 = 27.8%	.335
Número de sílabas do vocábulo			
Sílabas	Exemplo	Apl/t	PR
3 sílabas	hóspedes [ˈɔʃpdʃ]	94/325 = 28.9%	.419
4 sílabas	doméstico – [duˈmɛʃku]	37/91 = 40.7%	.707
5 ou mais sílabas	estatística – [ʃtaˈtiʃkɐ]	12/25 = 48%	.743
Línguas dominadas pelos informantes			
		Apl/t	PR
	Só fala Português e apenas compreende as línguas locais	30/133 = 22.6%	.276
	Fala Português e línguas locais	58/168 = 34.5%	.590
	Fala mais línguas locais do que Português	55/140 = 39.3%	.618
Consoante subsequente			
Modo de articulação	Exemplo	Apl/t	PR
Obstruintes	político – [pˈlitʃu]	78/274 = 28.5%	.444
Nasais	décimo – [ˈdɛsmu]	34/122 = 27.9%	.500
Líquidas	oráculo – [oˈrakʎu]	31/45 = 68.9%	.799
Escolaridade			
		Apl/t	PR
	Até 05 anos de escolarização	30/102 = 29.4%	.352
	Mais de cinco anos de escolarização	113/339 = 33.3%	.546

comunidades rurais, os indivíduos mais jovens tendem a favorecer a produção de formas proparoxítonas por questões vinculadas ao prestígio que os jovens atribuem ao uso de variantes próximas ao padrão: é uma forma de buscar distanciamento da comunidade de origem. Em amostras urbanas, a tendência é oposta: são os indivíduos adultos e os mais idosos que tendem a favorecer a produção das variantes mais próximas ao padrão. A variedade moçambicana, representada neste estudo pela norma da capital do país, não foge a essa tendência comum a outras variedades urbanas do Português.

A variedade moçambicana também se destaca pela atuação consistente das variáveis *contexto precedente e subsequente à vogal postônica medial*: a presença de uma consoante obstruinte no *onset* da sílaba medial (.580 de peso relativo) e a presença de uma consoante líquida no *onset* da sílaba final (.799) são os contextos que favorecem o apagamento do segmento vocálico interno, e promovem a formação de um ataque complexo na sílaba final da forma proparoxítona reduzida. Conforme apontado anteriormente, essa é uma tendência latina que se mantém nas variedades do português, mesmo nos contextos em que o português convive com outras línguas.

Outro comportamento da variedade moçambicana que se vincula a uma tendência geral do português é a aplicação da regra de apagamento da vogal medial em função do número de sílabas do vocábulo: no PM, quanto maior a palavra, maior é a tendência para a redução (.743 e .707 para vocábulos com mais de 5 sílabas e vocábulos com 4 sílabas, respectivamente). Autor (2012) mostrou que as variedades brasileira e europeia também apresentam um comportamento similar na correlação entre os índices de redução de proparoxítonos e o número de sílabas da palavra.

No que se refere à variável que controla a questão do contato linguístico, percebe-se que a variedade moçambicana, assim como a são tomense, é sensível à correlação entre as línguas faladas pelos indivíduos e os índices de apagamento: no PM, a probabilidade de apagamento de segmentos postônicos mediais é maior no comportamento dos indivíduos que se identificam como falantes de Português como L2 (.618), sendo que os falantes que se reconhecem como proficientes tanto em Português como em línguas locais também tendem a favorecer ao apagamento da átona medial, mais em probabilidade um pouco menor (.590). Esses índices são pertinentes por sugerirem que o contato entre línguas tende a acelerar um quadro que é histórico em Português. Conforme será discutido a seguir, a separação entre os falantes de Português como L1 e os informantes com graus variados de bilinguismo vai demonstrar que os condicionamentos linguísticos apontados como relevantes estatisticamente se mantêm, de uma forma geral, consistentes para os dois grupos. Contudo, diferenças quantitativas se verificam na distribuição das variáveis.

Por fim, nesta primeira análise, destaca-se que o comportamento da variável *escolaridade*, nos dados moçambicanos, é semelhante ao verificado para a variedade são tomense: índices mais expressivos de apagamento se verificam no comportamento dos indivíduos com mais de 05 anos de escolarização (.546), o que – conforme discutido – contraria à expectativa para a influência dos anos de escolarização.

4.2 Segunda análise: a comparação entre o comportamento dos falantes de Português como L1 versus falantes bilíngues

De forma a buscar entender de forma mais consistente como atua a questão da aquisição do Português e o contato desse com outras línguas na produtividade da regra de apagamento da vogal postônica medial, propõe-se nesta seção, uma análise de cada variedade em dois subconjuntos de dados, com o intuito de contrastar o comportamento variável dos indivíduos falantes essencialmente de Português e os indivíduos que usam eventualmente o Forro (São Tomé) /usuários frequentes de línguas locais (Moçambique). Na tabela 6, apresentam-se as variáveis selecionadas no PST consoante cada grupo de falantes.

Tab. 6: Condicionamentos estatisticamente relevantes em cada grupo de indivíduos (São Tomé).

Falantes com frequência baixa de uso do Forro		Falantes com frequência média de uso do Forro	
Consoante precedente		Consoante precedente	
<i>Escolaridade</i>		<i>Escolaridade</i>	
Traço de articulação da postônica medial		Traço de articulação da postônica medial	
109/323 = 33.7%		56/144 = 38.9%	
Input	inicial: .337	Input	inicial: .389
	seleção: .290		seleção: .370
Significância	.018	Significância	.000

As informações apresentadas na tabela 6 indicam questões que merecem apreciação. Nota-se uma diferença percentual entre grupos: os indivíduos que se reconhecem como falantes eventuais do Forro (os de frequência média de uso de línguas locais) aplicam com maior frequência a regra de apagamento, (38,9%) tendência confirmada pelos inputs da regra (.389 e .370, da análise inicial e da melhor rodada estatística, respectivamente), Observa-se também que duas variáveis (uma fonológica - a natureza da consoante precedente - e uma social - a escolaridade) condicionam o apagamento da postônica medial nesse grupo.

Índices menores de apagamento (33,7%) se verificam no comportamento dos indivíduos que se identificam como essencialmente falantes de Português. No que se refere às variáveis que atuam na regra de apagamento nesse grupo, percebe-se que a diferença entre este e o grupo dos falantes eventuais de línguas locais reside na seleção da variável *traço de articulação da postônica medial*.

Na tabela 7 apresentam-se os índices percentuais e os pesos relativos verificados para as variáveis selecionadas nos informantes que se identificam essencialmente como falantes de Português.

Tab. 7: Variáveis selecionadas - falantes com frequência *baixa* de uso de um crioulo.

Consoante precedente		
Modo de articulação	Apl/t	PR
Obstruintes	37/202 = 48%	.628
Nasais	4/52 = 7.7%	.182
Líquidas	6/40 = 15%	.335
Escolaridade		
	Apl/t	PR
Até 05 anos de escolarização	6/49 = 12.2%	.196
Mais de cinco anos de escolarização	103/274 = 37.6%	.563
Traço de articulação da postônica medial		
Articulação	Apl/t	PR
Dorsal	5/55 = 9.1%	.263
Coronal	98/253 = 38.7%	.543
Labial	6/15 = 40%	.710

Os resultados da tabela 7 confirmam algumas tendências já verificadas na rodada geral: a presença de consoantes obstruintes no *onset* da sílaba postônica final (.628) e os informantes com mais de cinco anos de escolarização (.563) são os contextos que favorecem a implementação da regra de apagamento no grupo que se identifica como falante majoritariamente de Português.

A diferença entre os falantes de frequência baixa de uso do Forro e os resultados para todos os falantes em conjunto reside na hierarquia, para o subgrupo, das variantes do condicionamento *traço de articulação da postônica medial*. Entre os falantes de frequência baixa de uso do Forro, fica nítida a preferência pelo apagamento de vogais labiais (.710), estando as coronais em uma posição próxima ao ponto neutro, mas com ligeira tendência ao apagamento (.543). Há uma inversão da hierarquia apresentada na rodada com todos os dados em conjunto, e a tendência verificada para este grupo está de acordo com os resultados para a descrição do fenômeno de redução de proparoxítonos em outras variedades do Português (Amaral 2000, Silva 2006, 2010, Gomes 2012, entre outros). Nesses trabalhos, as análises estatísticas indicaram que as vogais /o/ e /u/ são as mais atingidas pelo processo de apagamento.

Na tabela 8 indicam-se os resultados da análise multivariada para o grupo de falantes que se identificam como usuários eventuais de línguas locais.

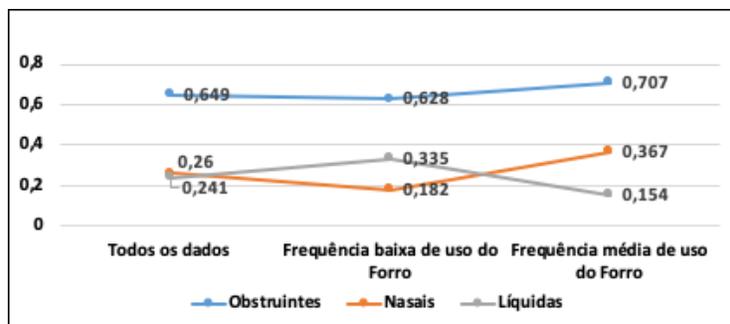
Tab. 8: Variáveis selecionadas - falantes com frequência *média* de uso de um crioulo.

Consoante precedente		
Modo de articulação	Apl/t	PR
Obstruintes	43/76 = 56.6%	.707
Nasais	7/26 = 26.9%	.367
Líquidas	4/31 = 12.9%	.154
Escolaridade		
	Apl/t	PR
Até 05 anos de escolarização	5/26 = 19.2%	.187
Mais de cinco anos de escolarização	51/118 = 43.2%	.580

Os resultados apresentados na tabela 8 reforçam a tendência da rodada geral e da análise do comportamento dos indivíduos com frequência baixa de uso do Forro, já que, para os usuários eventuais do crioulo, a presença de uma consoante obstruinte (.707) e o tempo maior de escolarização (.580) são as condições que implementam o apagamento da vogal átona medial.

De forma a permitir a comparação entre os grupos de falantes, no gráfico 1 apresentam-se os pesos relativos da variável *consoante precedente*, condicionamento linguístico selecionado nas três análises (todos os informantes, os informantes com frequência *baixa* de uso do Forro, os informantes com frequência *média* de uso do Forro).

Fig. 1: Consoante precedente - PST (pesos relativos).

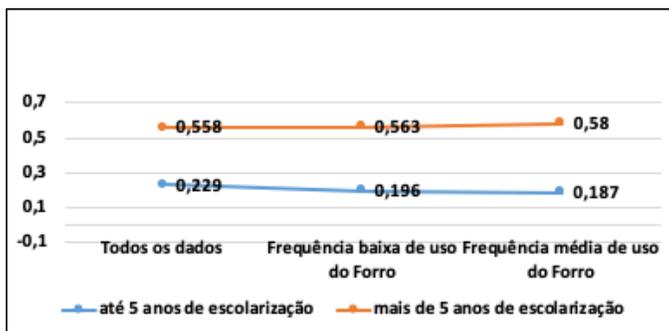


Pelo que se observa no gráfico 1, os indivíduos com frequência média de uso de um crioulo são os que apresentam os maiores índices probabilísticos para a

presença de uma consoante obstruente no ataque da sílaba postônica medial como condicionamento a favorecer o apagamento da vogal átona medial. É notável também a diferença entre os falantes de frequência média e os de frequência baixa.

No gráfico 2, indica-se a comparação entre as três análises no que refere à atuação da variável anos de *escolarização*.

Fig. 2: Anos de escolarização - PST (pesos relativos).



Com relação à variável social selecionada em comum às três análises, nota-se que não há diferenças significativas entre os grupos: de uma maneira generalizada, o maior tempo de permanência na escola influencia da mesma forma os grupos de falantes.

O que é possível perceber, nos dados são-tomenses, é que a questão do contato parece influenciar na produtividade do processo de apagamento, mas não atua de forma decisiva na seleção dos condicionamentos e na hierarquia das variáveis. Observa-se que, à exceção da variável *traço de articulação da postônica medial*, relevante para os dados dos falantes de frequência baixa de uso do Forro, nos demais condicionamentos as tendências são as mesmas para os grupos.

Desse modo, os resultados parecem sugerir que são as mesmas restrições que atuam na implementação do apagamento nos dois grupos de falantes, as mesmas que atuam na regularização de proparoxítonos em Português, independentemente das condições sociolinguísticas da variedade.

No que se refere à variedade moçambicana, apresentam-se, na tabela 9, as variáveis selecionadas para os falantes de Português como L1 e os condicionamentos para a aplicação da regra nos indivíduos falantes de português como L2.

Tab. 9: Condicionamentos estatisticamente relevantes em cada grupo de falantes (Moçambique).

Falantes de Português como L1		Falantes de Português como L2	
Traço de articulação da postônica medial		Traço de articulação da vogal postônica medial	
Sexo		Escolaridade	
Línguas dominadas pelos informantes		Consoante precedente	
Faixa etária		Número de sílabas do vocábulo	
Número de sílabas do vocábulo			
88/301 = 29.2%		55/140 = 39.3%	
Input	inicial: .292	Input	inicial: .393
	seleção: .290		seleção: .415
Significância	.002	Significância	.012

Os resultados para cada grupo de falantes em Moçambique indicam questões importantes a serem apreciadas. A primeira delas relaciona-se aos índices de apagamento para cada grupo: os falantes de Português L2 apresentam índices relativamente maiores de apagamento em comparação aos indivíduos que adquiram o Português como língua materna. A diferença entre os dois grupos é de 10,1%. A segunda questão a ser destacada associa-se à natureza dos condicionamentos que concorrem, em cada grupo, para o apagamento da vogal átona medial: em comum aos dois, variáveis exclusivamente linguísticas (*o traço de articulação da vogal postônica medial e o número de sílabas da palavra*). E, o mais interessante é notar que, mesmo entre os indivíduos falantes de Português como L1, a proficiência que possuem em relação às línguas locais atua como condição para a aplicação da regra, o que pode ser um indicio de que a questão do contato entre línguas atua como uma condição que acelera algumas tendências já configuradas em Português.

Na tabela 10 expressam-se os resultados relativos ao comportamento dos indivíduos moçambicanos que se identificam como falantes de Português como L1.

Dentre as tendências apresentadas na tabela 10 destacam-se, na atuação dos condicionamentos linguísticos:

- (1) a fragilidade das vogais labiais – comportamento também atestado nos falantes são tomenses que se expressam essencialmente em português. Entre os moçambicanos falantes de Português como L1, a tendência de apagamento de vogais labiais é altamente significativa (.911); e
- (2) a incidência alta de apagamento em vocábulos com extensão superior a cinco sílabas (.822)

Tab. 10: Resultados (falantes de Português como L1).

Traço de articulação da vogal		
Articulação	Apl/t	PR
Dorsal	5/40 = 12.5%	.246
Coronal	67/238 = 28.2%	.491
Labial	16/23 = 69.6%	.911
Sexo		
Homem	59/155 = 38.1%	.612
Mulher	29/146 = 19.9%	.381
Línguas dominadas pelos informantes		
Só fala Português e apenas compreende as línguas locais	30/133 = 22.6%	.342
Fala Português e línguas locais	58/168 = 34.5%	.626
Faixa etária		
18 a 35 anos	67/186 = 36.6%	.623
36 a 55 anos	21/115 = 18.3%	.308
Número de sílabas do vocábulo		
3 sílabas	57/220 = 25.9%	.429
4 sílabas	19/61 = 31.1%	.631
5 ou mais sílabas	2/20 = 60%	.822

No que se refere aos condicionamentos sociais, percebe-se que a variável *sexo*, não indicada como relevante na rodada geral, aparece como significativa nesse grupo de indivíduos, havendo um favorecimento à aplicação do apagamento pelos falantes do sexo masculino (.612). Em conformidade com a análise de todos os dados em conjunto, mantém-se a tendência de apagamento no comportamento dos falantes mais jovens (.623) e na fala dos indivíduos que, apesar de falantes de Português como L1, são também falantes de línguas locais (.626).

Na tabela 11 indicam-se os índices percentuais e os pesos relativos das variáveis que concorrem para o apagamento da vogal átona medial entre os moçambicanos falantes de Português como L2.

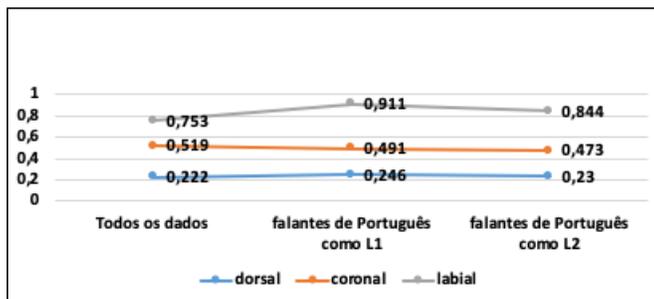
Os falantes de Português como L2 repetem as mesmas tendências verificadas tanto na análise global dos dados quanto nos resultados referentes apenas aos falantes de Português como L1: a alta probabilidade de apagamento de vogais mediais com o traço labial (.844), a alta incidência de apagamento nos dados dos falantes com mais de 05 anos de escolarização (.691), o favorecimento ao apagamento da vogal da sílaba medial quando nessa sílaba há uma consoante obstruinte no *onset* (.575) e, por fim, a maior probabilidade de apagamento da vogal medial em vocábulos com 4 sílabas (.765). Destaca-se que nesse grupo não ocorreram itens proparoxítonos com mais de 5 sílabas.

Tab. 11: Resultados (falantes de Português como L2).

Traço de articulação da vogal		
Articulação	Apl/t	PR
Dorsal	5/19 = 26.3%	.230
Coronal	32/101 = 31.7%	.473
Labial	18/20 = 90%	.844
Escolaridade		
	Apl/t	PR
Até 05 anos de escolarização	21/72 = 29.2%	.319
Mais de cinco anos de escolarização	34/68 = 50%	.691
Consoante precedente		
Modo de articulação	Apl/t	PR
Obstruintes	48/96 = 50%	.575
Nasais	3/16 = 18.8%	.257
Líquidas	2/10 = 20%	.228
Número de sílabas do vocábulo		
3 sílabas	37/105 = 35.2%	.417
4 sílabas	18/30 = 60%	.765
5 ou mais sílabas	-	-

Mais uma vez, adota-se o procedimento de comparação entre os pesos relativos das variáveis em comum às três análises realizadas nos dados do PM. No gráfico 3, contrastam-se os resultados da rodada geral, da rodada com os dados dos falantes de Português L1 e dos dados dos falantes de Português L2 no que se refere à atuação do traço de articulação da vogal postônica medial.

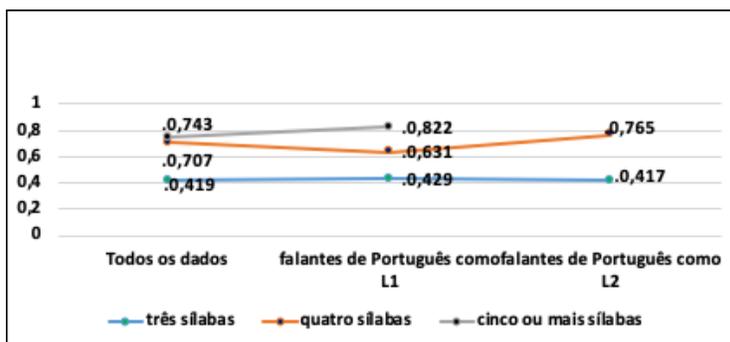
Fig. 3: Traço de articulação da vogal - PST (pesos relativos).



Os valores configurados no gráfico permitem perceber a força do traço de articulação labial na tendência ao apagamento. Em todas as análises realizadas com os dados do PM, são as vogais labiais as que mais favorecem o apagamento. Destaca-se que, entre os indivíduos que são falantes de Português como língua materna, a tendência é muito alta (.911), o que denota a fragilidade dessas vogais quando em uma pauta acentual extremamente volátil como a postônica não final. A análise em conjunto também nos autoriza a considerar as vogais dorsais como as menos afeitas ao apagamento, já os pesos relativos para as vogais com esse traço são, nas três análises, muito baixos. As vogais coronais estão, nas análises, muito próximas ao ponto neutro, favorecendo ligeiramente o apagamento na análise em que se consideram os dois grupos de falantes em conjunto. (.519).

No gráfico 4, expressa-se a comparação entre as três análises no comportamento da variável *número de sílabas* do item proparoxítono.

Fig. 4: Número de sílabas - PM (pesos relativos).

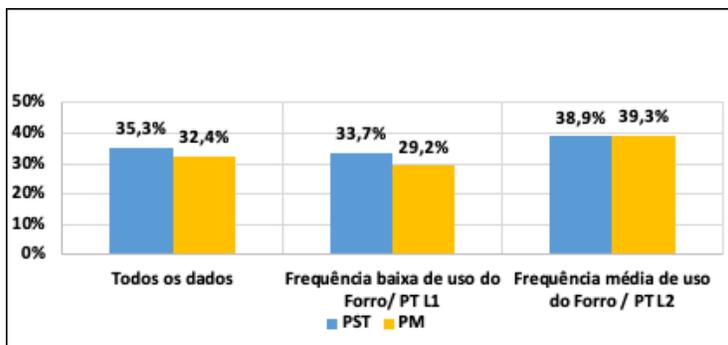


No gráfico 4, destaca-se o comportamento geral e dos falantes de Português como L1, que apresentam uma configuração ascendente para os pesos relativos da variável número de sílabas: quanto maior o item, maiores são as chances de apagamento do segmento vocálico medial. Observa-se também uma distância entre os pesos para as variantes *vocábulo com 4 sílabas* (.631) e *vocábulos com mais de 5 sílabas* (.822). Conforme o salientado na tabela 11, também é notável a não ocorrência de proparoxítonos com mais de cinco sílabas na fala dos informantes de Português L2, o que pode ser indício de que itens com essa dimensão não pertencem ao repertório linguístico desses indivíduos que têm o português como uma segunda língua.

As análises realizadas neste trabalho apontam para as diferenças quantitativas entre os índices de apagamento quando se comparam os indivíduos essencialmente falantes de Português (falantes com frequência baixa de uso do Forro em São Tomé e falantes de Português como L1 em Moçambique) e os que demonstram graus variados

de bilinguismo. Contudo, percebe-se uma convergência na atuação das variáveis selecionadas para cada grupo de falantes. Os resultados revelam que os informantes com frequência média de uso do Forro e os falantes de Português como L2 não apresentam diferenças qualitativas na atuação dos condicionamentos linguísticos e sociais. O gráfico 5 ilustra as diferenças quantitativas, para cada variedade e cada análise realizada, no que se refere aos índices gerais de aplicação da regra.

Fig. 5: Índices de aplicação da regra variável comparação entre as análises (em %)



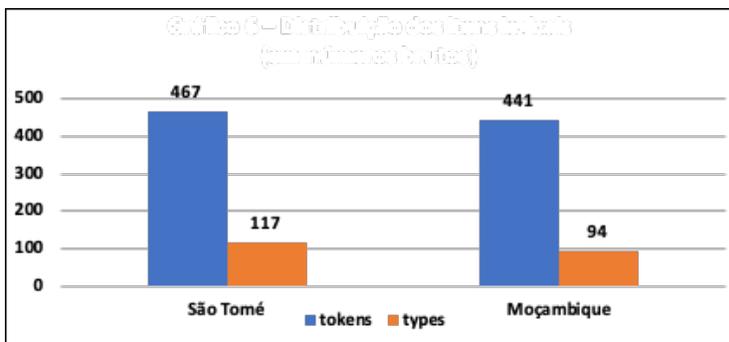
Os índices dispostos no gráfico 5 deixam claras as diferenças quantitativas entre as análises, principalmente nos dados relativos à variedade moçambicana, e as diferenças entre os falantes quando considerados em grupos separados. Todavia, dada a regularidade da atuação dos condicionamentos, sobretudo os de natureza linguística, pode-se aventar que a questão do contato atua na intensificação de tendências existentes em Português, tendências essas que se reiteram em análises do comportamento dos itens proparoxítonos em variedades que não são marcadas por contato massivo entre o Português e outras línguas.

E, por fim, vale uma consideração sobre a natureza dos itens lexicais que compõem os *corpora* analisados. Uma crítica frequente que se faz em estudos sobre a aplicação de regras variáveis em vocábulos proparoxítonos remete à variedade de itens que configuram as amostras. Os estudos que visam a descrever o comportamento de outras vogais átonas ou até mesmo estudos variacionistas sobre realização de consoantes, no geral, lidam com uma grande quantidade e uma variedade considerável de itens lexicais, o que tende a garantir a confiabilidade nos índices relativos a variáveis fonológicas.

No que se refere às proparoxítonas, a confiabilidade da atuação de variáveis fonológicas sempre é posta em xeque em função da baixa produtividade de itens proparoxítonos em situações discursivas menos monitoradas, o que pode enviesar

as tendências estatísticas relacionadas a variáveis fonológicas¹⁰. Contudo, uma comparação entre o total de dados (*tokens*) e a diversidade de palavras proparoxítonas encontrada nas amostras de cada variedade (*types*) revela que é possível garantir a credibilidade dos índices estatísticos relacionados a condicionamentos estruturais, já que há variabilidade de itens lexicais nas amostras. A relação entre quantidade e qualidade dos dados está representada no gráfico 6.

Fig. 6: Distribuição dos itens lexicais (em números brutos).



No gráfico 6 fica patente a diversidade de itens em relação à quantidade de dados levantados nos *corpora*: Em São Tomé, nos 467 dados há 117 palavras diferentes; em Moçambique, os 441 dados correspondem a 94 palavras distintas. Logo, não há uma repetição dos mesmos contextos, mas variação, o que garante a confiabilidade das análises estatísticas.

5 Considerações finais

Neste trabalho, buscou-se observar se haveria afinidades entre as variedades são tomense e moçambicana do português no que respeita a atuação da regra de apagamento da vogal postônica medial, e se seria possível conduzir um trabalho comparativo entre duas normas, já que há pontos convergentes (a coexistência do

¹⁰O GoldVarbX, a ferramenta metodológica utilizada na análise dos dados, não permite a análise de variáveis estatísticas de efeito aleatório, isto é, variáveis específicas para a natureza de cada amostra. A variável *item lexical* é uma variável de efeito aleatório. O pacote de programas *R* permite transformar a palavra em uma variável independente. Contudo, o *R* tem a desvantagem de não hierarquizar as variáveis relevantes, o que, nesta investigação, seria um prejuízo para a análise desenvolvida. Assim, a relação entre a quantidade e qualidade dos itens lexicais das amostras é revelada qualitativamente.

português com outras línguas) e divergentes (aspectos relacionados aos processos de colonização e ocupação) entre as duas comunidades lusofalantes.

Em termos de frequência bruta de aplicação da regra, nota-se um comportamento similar entre PST e PM: índices expressivos de apagamento da postônica medial (35.3% e 32.4%, respectivamente). Quando se comparam os dois conjuntos de dados (sem a separação os indivíduos falantes de Português como L1 e os de mais diversificados graus de bilinguismo), observam-se alinhamentos entre as variedades na atuação dos seguintes condicionamentos:

- (3) a. *contexto precedente* – a presença de uma consoante obstruinte no *onset* da sílaba medial favorece o apagamento do segmento vocálico;
- b. *escolaridade* – os indivíduos mais escolarizados tendem a apagar mais a postônica medial;
- c. *traço de articulação da postônica medial* – estão mais sensíveis ao apagamento as vogais labiais (em ambas as variedades) e as coronais (na variedade são tomense);
- d. frequência de uso do Forro/línguas dominadas pelos informantes – tanto em São Tomé quanto em Moçambique, indivíduos consistentemente bilíngues são os que mais estão propensos a reduzir uma proparoxítona ao padrão paroxítono.

O contato linguístico parece influenciar a performance dos indivíduos. A análise dos dados em subconjuntos que confrontam os falantes de Português como L1/frequência baixa de uso do Forro e os falantes como Português L2 / frequência média de uso do Forro revelou que estes tendem a intensificar a aplicação da regra de redução de proparoxítonas, ainda que se observem muitas consistências, em ambos os conjuntos de dados, na atuação das variáveis linguísticas e sociais estatisticamente relevantes para a ocorrência do fenômeno.

Referências

Alves, Sofia dos Santos & Fernandes, Thalles Candal Reis. 2018. Entre Lisboa e São Tomé: uma análise contrastiva do processo de apagamento das vogais postônicas mediais. Trabalho apresentado na 9ª Semana de Integração Acadêmica da Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ; Faculdade de Letras.

Araujo, Gabriel A., Guimarães-Filho, Zwinglio O., Oliveira, Leonardo & Viaro, Mário E. 2007. As proparoxítonas e o sistema acentual do português. In: Araujo,

Gabriel Antunes de *et. al* (org.). *O acento em português: abordagens fonológicas*. São Paulo: Parábola, 37-60.

Araujo, Gabriel A., Guimarães-Filho, Zwinglio O., Oliveira, Leonardo & Viaro, Mário E. 2008. Algumas observações sobre as proparoxítonas e o sistema acentual do português. *Cadernos de Estudos Linguísticos* 50(1): 69-90. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v50i1.8637239>

Bandeira, Manuele. 2017. Reconstrução fonológica e lexical do protocioulo do Golfo da Guiné. Tese de Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa. São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas: Universidade de São Paulo.

Brandão, Sílvia Figueiredo. 2011. O cancelamento da marca de número nominal na variedade urbana não *standard* do Português de São Tomé. Comunicação apresentada ao XVI Congresso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de la América Latina (ALFAL). Alcalá de Henares, Madrid.

Brandão, Sílvia Figueiredo. 2016. Variação e o estatuto de variedades do Português. *Diadorim*. v.18, Número Especial, 83-104. DOI: <https://doi.org/10.35520/diadorim.2016.v18n0a4048>

Brescancini, Claudia Regina. 2014. Vogais postônicas não finais. In: Bisol, Leda & Battisti, Elisa. (orgs). *O português falado no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: EDIPCRS, 35-52.

Chimbutane, Felício. 2018. Portuguese and African languages in Mozambique: a sociolinguistic approach. In: López, Laura Alvarez; Gonçalves, Perpetua & Avelar, Juanito Ornelas de. (orgs). *The Portuguese Language Continuum in Africa and Brazil*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing, 89-110. DOI: <https://doi.org/10.1075/ihll.20.05chi>

Ferraz, Luiz Ivens. 1979. *The Creole of São Tomé*. Johannesburg: Witwatersrand University Press.

Gomes, Danielle Kely. 2012. Síncope em proparoxítonas: um estudo contrastivo entre o português brasileiro e o português europeu. Tese de Doutorado em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras: Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Gomes, Danielle Kely. 2018. Síncope das vogais postônicas não finais: uma análise contrastiva entre variedades do português. In: De Paula, Alessandra; Gomes, Danielle Kely; Silveira, Eliete; Machado Vieira, Marcia dos Santos & Vieira, Sílvia Rodrigues. (orgs). *Uma história de investigação sobre a Língua Portuguesa: homenagem a Sílvia Brandão*. São Paulo, Blucher, 213-224.

Gomes, Danielle Kely. 2018. Vogais em contexto postônico medial no português de São Tomé. In: Brandão, Sílvia Figueiredo. (org). *Duas variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 159-176.

Gonçalves, Perpétua. 1996. *Português de Moçambique: uma variedade em formação*. Maputo: Livraria Universitária da Universidade Eduardo Mondlane.

Gonçalves, Perpétua. 2013. O Português em África. In: Rapozo, Eduardo Paiva; Bacelar Do Nascimento, Maria Fernanda; Mota, Maria Antónia; Segura, Luísa & Mendes, Amália. *Gramática do Português*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 157-178.

Gonçalves, Rita & Hagemeijer, Tjerk. 2015. O Português num contexto multilingue: O caso de São Tomé e Príncipe. *Revista Científica da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique*, v.1, n. 1: 87-107.

Hagemeijer, Tjerk. 1999. As ilhas de Babel: A criouliização no Golfo da Guiné. *Revista Camões*. 6: 74-88.

Hagemeijer, Tjerk. 2016. O português em contato em África. In: Martins, Ana Maria; Carrilho, Ernestina. (orgs). *Manual de Linguística Portuguesa*. Berlin: Walter de Gruyter, 43-67. DOI: <https://doi.org/10.1515/9783110368840-004>

Hagemeijer, Tjerk. 2018. Prefácio. In: Brandão, Sílvia Figueiredo. (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 7-9.

Instituto Nacional de Estatística. 2014. Características Educacionais da População. Recenseamento geral da população e habitação – 2012. São Tomé: INE. Disponível em <http://www.ine.st/>. Acesso em 10 de maio de 2016.

Pissurno, Karen Christina da Silva. 2017. A concordância verbal de terceira pessoa do plural na variedade moçambicana do Português: uma abordagem sociolinguística. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Pissurno, Karen Christina da Silva. 2018. O perfil multilingue de Moçambique. In: Brandão, Sílvia Figueiredo. (org). *Dois variedades africanas do português: variáveis fonético-fonológicas e morfossintáticas*. São Paulo: Blucher, 75-91.

Ribeiro, Pe. Armando (C.M). 2016. *Dicionário Gramatical Changana*. Maputo: Paulinas Editora.

Sitoe, Bento. 2011. *Dicionário Changana-Português*. Maputo: Texto Editores.

Weireich, Uriel; Labov, William & Herzog, Marvin. 1968. Empirical foundations for a theory of language change. In: Lehmann, Winfred Paul. Malkiel, Yakov. (Eds.). *Directions for historical linguistics*. Austin: University of Texas Press, 97-195.

Recebido: 06/10/2019

Aprovado: 24/11/2019
